

PROJETO | MEMÓRIA EM AÇÃO: AS MINHAS MEMÓRIAS, A NOSSA HISTÓRIA



Foto: Museu de Lagos | Lídia Moreira

ENTREVISTA

JÚLIO JOSÉ MONTEIRO BARROSO nasceu na freguesia de São Sebastião, concelho de Lagos, em 1955. Licenciou-se em Direito.

Profissionalmente, foi professor, notário e conservador de Registo Civil e advogado. Atualmente, exerce somente advocacia.

Foi eleito presidente da Câmara Municipal de Lagos nos mandatos de 2001-2013.

Em 25 de Abril de 1974, Júlio José Monteiro Barroso era estudante de Direito na Universidade de Lisboa.

DESCRIÇÃO

Código de Referência: PT/ML/AML/C/3/35/000009

Título: Entrevista a Júlio José Monteiro Barroso

Data: 21/09/2023

Local: Instalações da Junta de Freguesia de São Gonçalo, Lagos.

Tipo: Entrevista áudio formato M4A

Duração de gravação: 00:49:01

Entrevistador: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Registo fotográfico: Museu de Lagos / Lídia Moreira

Transcrição, revisão e edição: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Texto revisto e validado pelo entrevistado a 15/03/2024.



MUSEU
DE LAGOS

Patrícia de Jesus Palma (PJP): *Senhor Júlio Barroso, muito obrigada pela sua disponibilidade em colaborar com o projeto Memória em Ação, aceitando conversar connosco sobre as suas memórias relativas ao 25 de Abril de 1974. Vivia em Lagos, no período da transição da ditadura para a democracia?*

Júlio José Monteiro Barroso (JJMB): Por acaso, não. Tinha cá a minha base, mas, nessa altura, em 1974, estava em Lisboa a estudar, a fazer o curso de Direito, andava no 2.º ano. Tinha 19 anos e estava em Lisboa havia dois anos.

PJP: *Como é que viveu o dia da Revolução, em Lisboa?*

JJMB: Com a euforia própria do momento. Com a incerteza logo nas primeiras horas da manhã, quando se percebeu que estava a acontecer qualquer coisa. A rádio com uma emissão completamente fora do costume, emitindo músicas fora do habitual e alguns comunicados que mostravam que se estava a passar algo de muito sério... e bom! Entretanto, apercebemo-nos da impossibilidade de deslocação. Porque eu, na altura, estava na casa de uma irmã, que vivia na Brandoa, logo ali paredes-meias com a Pontinha, onde era uma das sedes oficiais e operacionais do Movimento das Forças Armadas. Ora, toda essa zona estava completamente interdita ao trânsito. Aliás, todos os transportes públicos ficaram inativos nesse dia. De modo que era impossível eu ter-me deslocado, por muito que tivesse tido essa vontade, para onde havia ação a decorrer.

Foi um dia, o 25 de Abril de 74, passado, desde logo, com alguma incerteza – tinha vizinhas que diziam: “– Isto é o movimento dos estudantes, os estudantes estão a fazer uma Revolução!” Enfim. Os estudantes, por muito que na altura já houvesse grandes movimentações... Na minha Faculdade havia “n” movimentações estudantis contrárias ao regime, pondo em causa algumas das ideologias e das políticas principais do regime, nomeadamente, a questão da guerra colonial, que a todos afetava. A falta de condições de vida das pessoas, falta de habitação, analfabetismo, enfim...

Na altura, já cantávamos, em segredo, as canções do Zeca Afonso e o refrão do Sérgio Godinho – a paz, o pão, habitação, saúde, educação – ou coisas parecidas... (honestamente não me recordo se esta já era anterior ao 25 de Abril, ou se veio a seguir). Cantávamos isso e outras. Nos movimentos estudantis, partilhava-se conhecimento e informação e conseguia-se, rompendo muitas barreiras, uma certa liberdade para denunciar e procurar derrubar “o estado a que isto chegou”, como disse, na altura, com muita propriedade, o saudoso Capitão Salgueiro Maia, herói do 25 de Abril, para justificar o Movimento das Forças Armadas.

Foi um dia e um tempo em que já havia da minha parte, e da maior parte dos jovens da minha geração, universitários, alguma consciência política, já havia algum conhecimento da realidade, uma vontade grande de ajudar a mudar o regime. E, naturalmente, foi um dia de grande expectativa, de grande alegria, de grande satisfação, e de grande esperança por aquilo que havia de vir a seguir àquele regime caduco e absolutamente execrável que coartava a liberdade, os direitos mais básicos de uma sociedade... O direito de as pessoas conviverem, de se associarem, de discutirem de forma livre os seus problemas... E, portanto, foi vivido com uma intensidade própria do acto em si e do tempo de juventude em que eu me encontrava. Dezanove anos, fora de casa, com um mundo inteiro por descobrir. Foi de facto um momento, digamos, que anunciava outras realidades, com perspectivas bastante mais favoráveis de um mundo melhor, um país mais aberto, mais solidário... Uma democracia política e económica mais europeia (o fim do “orgulhosamente sós”) e o fim da guerra colonial – a que todos os jovens daquele tempo estavam obrigados.

PJP: *Estando na Universidade nessa altura, como é que foram os dois anos seguintes a Abril de 74?*

JJMB: Desde logo, recordo que os primeiros anos de curso, antes do 25 de Abril, não foram nada pacíficos. Eu cheguei à Faculdade de Direito no dia a seguir à morte do Ribeiro dos Santos (12 outubro de 1972). É um momento histórico da luta estudantil, em que a PIDE assassinou a sangue-frio aquele estudante da Faculdade de Direito. Embora tal não tenha ocorrido na Faculdade de Direito, foi um baptismo muito vivo a minha chegada à Faculdade, no dia em que havia movimentações de estudantes a denunciar exatamente esse assassinio. E, nesse primeiro dia, em que cheguei à Faculdade, sem me aperceber muito bem do que se estava a passar, ainda muito jovem, vindo da província, ávido de informação (guardei os panfletos debaixo da roupa), me vi confrontado logo com uma carga policial. Tive de me escapar - felizmente a tempo, pela mão de um amigo, colega do Liceu de Portimão (o Adão Flores), um ano mais velho, que, não sendo de Direito, ali se encontrava a fazer parte da contestação: “– Júlio, vamos andando...estás a ver?” Quando olhámos para trás (eu ainda não tinha muito bem conhecimento das ruas!), havia já uma enorme carga policial em cima dos colegas de toda a academia que ali se haviam reunido para homenagear o herói assassinado e denunciar a violência da PIDE e policial contra as manifestações estudantis pacíficas. Isto em outubro de 72. Digamos que de 72 até 74, fui amadurecendo.

A Faculdade onde eu andava, a Faculdade de Direito, era, como quase todas, um grande centro de discussão política e de grande disputa política acesa, entre as várias facções que, já nessa altura, se dispunham no terreno. Havia um grupo mais associado ao Partido

Comunista, outros mais radicais de esquerda (alguns feitos com o regime, mas, normalmente, não se pronunciando)... De modo que o 25 de Abril, tendo aberto a possibilidade de todas essas tendências se manifestarem mais abertamente, deu azo a grandes discussões. A minha Faculdade foi palco de enormes discussões, disputas, algumas que atingiram a componente física. Grandes discussões acesas e indefinições do que fazer ou não fazer. E isso refletiu-se no andamento do curso. Refletiu-se, até porque a maior parte dos professores da Faculdade foram saneados. Grande parte deles foram pelo seu próprio pé, outros foram empurrados pelas lutas estudantis, pela própria dinâmica das coisas ao nível do poder. Foram dois, três anos, de 74 até ao final do curso. Foram dois anos de grande animação, grande debate de ideias, de descoberta de algumas teorias, de algumas teses, de algumas ideologias que antes andavam apenas em surdina a ser discutidas. E foi um tempo de grande descoberta para todos nós. Recordo-me do grupo que, então, uns tantos amigos constituímos para analisar os programas eleitorais iniciais dos partidos que se formaram e como isso nos baralhou mais as ideias e, no final, acabámos a fazer opções diferentes...

***PJP:** E fez parte desses debates, de alguma das facções, fez parte ativamente?*

JJMB: Sim, aqueles tempos de “estragos”, quer do M.R.P.P., que era o grupo que na altura dominava a Associação de Estudantes na Faculdade de Direito - o Saldanha Sanches, a sua mulher Maria José Morgado, o José Lamego, a Ana Gomes, minha colega de turma, o Durão Barroso, todo esse pessoal – e tantos outros. Cito esses nomes porque se destacaram mais na vida política e social, são aqueles que, de alguma forma, são referências daquela época, mas muitos mais se destacavam então e fizeram percursos de realce na vida pública, na política, na advocacia, no Ministério Público e magistratura judicial, nos tempos que se seguiram e até hoje. Nesse tempo, antes e depois, mas, sobretudo após a Revolução dos Cravos, discutia-se muito, havia sempre uma entrada nas discussões do dia-a-dia da Faculdade, das posições políticas que cada um assumia em termos partidários. E foram tempos de grandes movimentos, de assembleias de estudantes enormes, com muita gente...

***PJP:** Calculo que isso tenha sido uma grande aprendizagem para a prática democrática?*

JJMB: Sem dúvida. Foi assim... Começámos a habituar-nos àquilo. Basta dizer que antes do 25 de Abril, quando havia alguma tentativa de reunião geral, na minha Faculdade existiam os chamados “gorilas”, que eram polícias disfarçados de contínuos, polícias de choque, a quem este apelido não foi dado por acaso. Tinham, de facto, uma constituição física e uma aparência bastante robusta e dissuasora e impediram, várias vezes, algumas assembleias que ainda se tentaram fazer, mas eles chegavam e abafavam

tudo. Sem esse constrangimento, obviamente que as discussões e os agrupamentos eram muito mais vastos, as pessoas não tinham medo e bastantes vezes nem cabíamos dentro da sala maior da Faculdade e íamos fazer as Reuniões Gerais de Alunos na Aula Magna da Reitoria da Universidade, ali ao lado da Faculdade de Direito, que é muito maior, para albergar todos os que queriam participar, que, de início, seria uma grande maioria. E foram tempos em que, naturalmente, se começava por discutir as questões académicas, a questão do desenvolvimento do curso e das cadeiras, e se discutia a representatividade dos estudantes nos diversos órgãos e as várias listas que se geravam, mas em que, obviamente, por detrás da generalidade das posições que eram defendidas e que eram postas em discussão e a votação, extravasando para o país político de então, se perfilavam forças políticas já perfeitamente estruturadas e interessadas em fazer valer as suas ideologias. Nem sempre de forma perceptível...

***PJP:** Então, vamos agora recuar um pouco mais. Nessa passagem para a vida adulta, estava em Lisboa, mas fez a sua infância e juventude em Lagos. Como é que era a cidade de Lagos nessa altura? Que recordações é que tem de Lagos antes do 25 de Abril, enquanto estudante? E a cidade, como era antes do 25 de Abril, que memórias tem?*

JJMB: Eu nasci em 1955, junto ao chamado Jardim do Ferro de Engomar, na rua que, atualmente, se designa por Rua Vasco da Gama. Nasci aí, em casa (como se nascia nessa altura), mas, com quatro anos vim com a família morar para o recém-construído Bairro Operário (em cuja construção o meu pai havia estado como encarregado). Saímos – eu não tinha consciência bem do local onde vivia, naquela idade – para uma zona mais afastada do centro. A cidade de Lagos, na altura, era praticamente apenas o centro da cidade que nós hoje conhecemos...

***PJP:** Dentro da muralha.*

JJMB: Sim, dentro da muralha. Desde o Quartel, com as suas edificações em torno, que são bastante antigas, a Baixa e a zona de São Sebastião e a zona próximo do Cemitério, a Rua Nova da Aldeia. A cidade, praticamente, circunscrevia-se a isso. Os bairros que constituem a cidade nova foram surgindo fora das muralhas e, quando foram construídos, era a única coisa que existia. À volta da zona onde morávamos, tínhamos o campo todo por nossa conta. Isso nos primórdios das minhas recordações de infância. À volta do bairro, foram surgindo outras edificações. Aqui, onde nós estamos (sede da Junta de Freguesia), era campo onde fazíamos as nossas incursões: para brincar, apanhar um figo ou uma amêndoa, para, durante a construção da rua, encontrar um espaço plano para jogar com as bolas que apareciam (eram mais de trapos do que de borracha...); era uma sorte quando aparecia alguém que tinha uma bola de borracha. Era uma cidade, como era, afinal de contas, o país. Uma cidade de província, nos

primórdios de uma tendência para haver algum turismo, começavam os anos sessenta. Mas, essencialmente, era uma cidade que vivia das suas atividades tradicionais: pesca, muita pesca, inúmeras fábricas de conserva de peixe, a agricultura e algum comércio na zona histórica da cidade, mesmo no centro. Porque fora daí, eram habitações. Na zona do Quartel eram habitações, lá havia aqui ou ali uma taberna. A zona norte, a zona da aldeia, da Rua Nova da Aldeia, e dos bairros envolventes, era também habitacional. E, portanto, comércio, comércio havia na Rua Garrett, na Rua - agora 25 de Abril - na altura Rua Salazar.

PJP: *Onde é que fez os seus estudos, aqui em Lagos?*

JJMB: Mesmo à porta de casa. Na escola do Bairro Operário, aqui ao lado. Fiz a instrução primária até à 4.^a classe. Depois, por algum cruzamento de sortes do destino e com o apoio do professor da Escola Primária, a família fez um esforço para eu estudar no liceu em Portimão, porque não havia liceu em Lagos. Havia um colégio particular e havia a Escola Industrial. Na altura, por influência desse meu professor, que eu não posso esquecer e a quem muito devo, o professor José Ventura Cabrita, que já conhecia a família, ele, atendendo aos bons resultados que eu apresentava na Escola Primária, convenceu os meus pais. Como disse, eu sou o sétimo de uma família de oito e os mais velhos já estariam mais ou menos organizados na altura. O meu irmão mais velho tinha mais 20 anos do que eu. Éramos uma família com fracos recursos. A minha mãe não trabalhou nunca fora de casa, esteve a vida inteira a tomar conta dos filhos e da casa, era só o ordenado do meu pai, que também não era por aí além. O meu pai era pedreiro, e, dada a sua experiência (e competência - dizem!), passou a exercer funções de encarregado-geral de obras. Ele trabalhou na Câmara e nalgumas empresas de construção civil, aqui de Lagos, e terminou numa empresa que era as Construções Barlavento, cujo sócio-gerente – creio, era o arquiteto José Veloso, uma pessoa bem conhecida aqui da terra, com quem o meu pai estabeleceu uma boa relação de confiança e respeito, julgo que, mútuos.

PJP: *Ia e vinha todos os dias para Portimão ou ficava lá?*

JJMB: Ia e vinha todos os dias, de comboio, que era o mais barato. A camioneta, mais cómoda, mas mais cara, era só para os que tinham mais meios. Havia um grupo bastante coeso, de alunos (e alguns trabalhadores), que ia no comboio às sete da manhã. Lá íamos, eu daqui, desta zona (Bairro Operário) até à estação. Depois de chegar à estação de Portimão, íamos até ao Liceu, que era mais uns 40 minutos, mais ou menos, a pé. Havia um grupo muito unido, que aproveitava esse tempo para as mais diversas atividades: uns aproveitavam para fazer trabalhos de casa, tirar dúvidas com os colegas, estudar para testes, outros brincavam e jogávamos à bola no largo da estação de Portimão, tendo que

escapar à polícia, chamada por alguns vizinhos que não gostavam de barulhos tão matinais.... E fazíamos algumas tropelias pelo caminho, o que era próprio dessa idade, pois sobrava-nos o tempo e desfrutávamos da liberdade que o grupo, o tempo e a hora proporcionavam.

PJP: *Nessa altura de estudante, dos 10 aos 17, esteve no Liceu de Portimão?*

JJMB: Sim, de 1965 a 1972.

PJP: *Começou a sentir alguma coisa a mudar nessa altura, ou estava ainda completamente alheio à realidade político-social do país?*

JJMB: Nessa altura, estava mais preocupado com as minhas mudanças, honestamente. O crescimento de novas relações, amizades, parcerias, à medida que a idade avançava. Sempre com algum sentido social, com algum entrosamento com atividades sociais ao nível da Igreja e, mais tarde, ao nível do escutismo português. Fui Escuta do Corpo Nacional de Escutas em Lagos. Antes disso, passei por aquelas fases que um jovem da minha idade passava, pela catequese, até ser uma espécie de auxiliar de catequista, e ser depois escuteiro com um grupo de jovens da minha idade, que tínhamos já uma certa consciência social – não política, mas mais sob o ponto de vista da ação social simples, no sentido de colaborar com o que seria necessário para ajudar os mais desfavorecidos, ter uma vida saudável, de ar livre, de prática desportiva, de tentar cumprir os objetivos que nos eram colocados, enquanto pessoa, cidadão, aluno, filho. Como dizia o meu pai: “– Aproveita, que para ti é. E, se não aproveitares, mais tarde, arrependes-te”.

E, portanto, esse sentimento, esse ensinamento levava-nos de um modo geral, nos grupos onde eu me movimenteí, a sermos “bons rapazes”. Portávamo-nos, posso afirmar, normalmente, bem. Fazíamos os nossos disparates, como é óbvio, mas procurávamos seguir os ensinamentos dos pais, que eram muito importantes, foram fundamentais. Pais que nós reconhecíamos que se sacrificavam por nós e que queriam que aproveitássemos o esforço que faziam por nós. Eu, especialmente, porque éramos muitos e se chumbasse um ano, por exemplo, era certo e sabido que no ano a seguir já não teria a boa vida que o facto de ser estudante, em Portimão, me conferia. Outros irmãos não tiveram essa sorte e começaram a trabalhar aos dez anos.

Fiz parte de uma geração e de um grupo de pessoas da cidade que conseguimos formar-nos, aproveitando as benesses que o próprio sistema nos ofereceu, porque apesar de não haver escolas para todos, não haver grandes rendimentos dos pais, apesar de as condições das habitações serem precárias, de não termos aquilo que gostaríamos de ter – como hoje as crianças têm, às vezes demais – nós, entre os pingos da chuva, fomos construindo a nossa vida e o nosso futuro. E tenho muito orgulho em ter como amigos as

peças dessa minha geração que passaram por experiências muito similares e que estão aqui, muitas delas, ou que passaram por Lagos e que nos sítios em que estão, julgo que são bons embaixadores da nossa cidade.

PJP: *Então, é quando vai para Lisboa que se abre todo um novo mundo e que tem toda esta experiência? E quando termina a licenciatura, vem logo para o Algarve?*

JJMB: Antes disso, eu vim para Lagos. A seguir ao 25 de Abril, a Faculdade fechou. E dentro deste contexto socioeconómico de que lhe falei, não tinha condições para estar em Lisboa sem estar a estudar. De modo que, como muitos colegas meus, entre outubro e dezembro de 1974, com as Faculdades fechadas e com o desenvolvimento que houve nesse período, de novos currículos escolares e novas organizações escolares, muitos jovens com o 7.º ano candidatavam-se a dar aulas. Eu já andava no 2.º ano de Direito e fiz a mesma coisa. Em vez de estar em Lisboa a gastar aquilo que não tinha - embora estivesse em Lisboa, passando pelas casas de dois irmãos, que lá residiam e tivesse usufruído de uma bolsa de estudo da Gulbenkian, no primeiro ano, e depois dos Serviços Sociais da Universidade. E um trabalho em *part-time* no ISPA – Instituto de Psicologia Aplicada (a 15 escudos à hora, 3 horas 2 vezes por semana). Se não fosse isso, não haveria condições, seria mais difícil, ou quase impossível. Essa componente familiar foi fundamental para garantir alojamento e algum apoio mais necessário. De modo que, nessa fase, com a Faculdade fechada, decidi concorrer ao ensino. Havia uns miniconcursos que serviam para as escolas colocarem professores – eu não posso dizer que fui propriamente um professor, dei aulas – colocar pessoas que não tinham as habilitações necessárias, mas que tinham alguns conhecimentos, informações e tinham alguma capacidade, necessidade e gosto por ensinar. E candidatei-me. Fiquei aqui em Lagos, onde ficou também aquela que viria a ser a minha mulher e muitos colegas desses que eu falo, que fomos colegas da Escola Primária, do escutismo, do Liceu, das atividades desportivas no Clube Esperança de Lagos e noutros clubes, porque praticávamos muito desporto nesse tempo. Desde fazer salto à vara sem vara, salto em altura em cima do alcatrão, enfim... Eram tempos em que a imaginação nos ajudava a passar os tempos livres. E fazíamos hóquei em patins sem patins, que é algo que muita gente tem dificuldade em imaginar... e fazíamos!

PJP: *E veio dar aulas de?*

JJMB: Vim dar aulas, inicialmente, de Francês. Eu até tinha sido um aluno razoável, depois mudei para o Português e para a História. Estive por cá de 1975 a 78 a dar aulas. E já acabei o curso na condição de trabalhador-estudante. Felizmente, tinha deixado na Faculdade um grupo de colegas – alguns deles também a dar aulas, mas vivendo em Lisboa – que me faziam o grande favor de, como eu não podia assistir a muitas aulas -

naquele tempo não havia os transportes que há hoje, esses colegas que, na continuidade do que já tínhamos feito durante os dois anos em que lá estávamos juntos, partilharam informação, partilharam apontamentos... Na nossa Faculdade, vivíamos à base dos apontamentos...

PJP: *Das sebatas.*

JJMB: Das sebatas... As sebatas que, muitas vezes, eram feitas por alunos, a pedido dos professores. Portanto, tinha um conjunto de colegas que faziam esse favor de me ir transmitindo as cópias dos apontamentos – que eu tinha de copiar, não havia fotocópias na altura, era à mão – e foi possível conciliar esta atividade de trabalho nas escolas. Posteriormente, a “atividade” de casado, porque estas coisas eram muito diferentes do que são hoje, porque o namoro entre rapaz e rapariga, a partir de certa altura, ou se casava ou aquilo azedava com as famílias. Casámos em abril de 1976. Em outubro de 1977, já casado, é que acabei o curso. E, em setembro de 1978, fui pai do meu primeiro filho, com 23 anos...

PJP: *Então e nesse período em que esteve a dar aulas: são jovens, vêm fazer parte desta mudança na Educação, tudo estava a mudar, como é que viveu esses anos na Educação? Qual era o espírito que havia entre os jovens professores?*

JJMB: Grande entusiasmo, grande empenhamento, grande vontade de mudar o figurino. Aquele figurino de que nós até há pouco tempo tínhamos de alguma forma sido objeto, porque nem sempre fomos “vítimas”, nem os professores eram, embora o sistema tivesse muitas... incongruências. Esse grupo de jovens, éramos muitos, era a maior parte, dos mais ativos dentro da escola. Havia colegas com mais idade, mais experiência, com mais conhecimento e havia um bom entrosamento entre os mais novos e os mais velhos. Mas os mais novos, de alguma forma, lideravam os processos de abertura da escola, de mostrar às crianças, aos jovens, a diferença entre a experiência que eles estavam a começar a ter, daquela que nós havia poucos anos tínhamos tido, e que era radicalmente diferente. Tentar entender e ensinar a viver a Democracia. Foi muito bom, um período muito interessante, de grande aprendizagem para a Vida. Guardo enormes recordações desse tempo, das aulas, das atividades extra-escolares, dos alunos e colegas, e das grandes discussões políticas e sindicais dos anos 1975/76. Não fui professor a vida toda, só fui quatro anos...

PJP: *Mas, anos críticos...*

JJMB: Sim. E praticamente consigo identificar todos os alunos que acompanhei nessa altura. A minha mulher foi professora mais de 30 e tal anos e já tem dificuldade em reconhecer alguns. Mas eu, praticamente, recordo-me de todos, e julgo que grande parte

deles também se recorda de mim e temos um bom relacionamento, de um modo geral. Hoje, já são também pais e avós. Foi entre 1975 e 78/79.

PJP: *Então, esteve cá nas primeiras eleições autárquicas, em 12 de dezembro de 76. Lembra-se desse dia?*

JJMB: Se me lembro? Eu fui candidato!

PJP: *Então e como é que aparece o candidato Júlio Barroso nesse dia, nesse período?*

JJMB: Foram tempos de grande movimentação, a seguir ao 25 de Abril e ao meu regresso a Lagos. Para ficar aqui, porque em Lisboa era impossível ficar. Porque lá era o furacão, era o que apetecia sempre, mas não havia condições financeiras, de modo que...

PJP: *Mas, desculpe, e nesse ambiente sentia que era tão importante, ou menos ou mais importante, estar em Lagos ou estar em Lisboa, para aquilo que estava em causa?*

JJMB: Se quer que lhe diga, a questão punha-se de forma muito mais básica. Eu gostava de ter ficado em Lisboa, gostava de ter ficado naquele ambiente. Simplesmente, a Faculdade fechou. E o ambiente esvaiu-se um bocado. Trabalho, era difícil obter. Ainda tive uns *part-times*, enquanto estive em Lisboa, antes do 25 de Abril. Depois gerou-se uma grande confusão e apareceu esta oportunidade. De modo que aproveitámos. Mas vivemos de forma intensa, e quando digo vivemos, refiro o grupo. Eu, a minha mulher e mais uns quantos vivemos intensamente aqui em Lagos todos os movimentos mais ou menos revolucionários que aqui ocorreram: as comissões de trabalhadores, as associações de moradores, as associações desportivas que se criaram nessa altura, as associações políticas que também se foram instalando. E nós íamos a todas, não havia nada disso onde nós não estivéssemos. Nas associações de moradores, nos grupos culturais, nomeadamente um grupo que já tínhamos constituído antes de ir para Lisboa, o chamado Teatro Experimental de Lagos. Fizemos parte do grupo fundador, em 1971/72 - 1.ª apresentação no teatro desmontável itinerante Rafael de Oliveira, porque não nos foi facultada a possibilidade de a fazer no cinema... “Éramos subversivos” – classificação dada pela Câmara Municipal de então, e com polícia à perna!... E, depois do 25 de Abril, procurámos dar-lhe mais força. Nem sempre foi possível, porque esse período tão rico em discussão também foi rico em criar algumas dissonâncias. Portanto, nem sempre foi possível as pessoas se entregarem, porque, já motivadas por algumas razões políticas ou partidárias, se foram afastando, ou, pelo menos, não sendo tão solidariamente unidas como éramos anteriormente. Isso referindo-me nomeadamente ao grupo de teatro. Mas, esse tempo foi um tempo em Lagos de grande movimentação e, como digo, nós íamos a todas. Foram criadas novas associações ou desenvolvidas aquelas que já existiam. A nível do desporto, recordo-me da criação do Grupo Desportivo Amador de Lagos que foi uma

pedrada no charco para contrariar as tendências de associações então existentes. Fez-se muita coisa, com enorme entusiasmo e espírito inovador, alguma sem grande nexos, visto agora à distância.

PJP: *Mas que eram tentativas de fazer, guiadas pelo ímpeto fazer, de criar?*

JJMB: Sim, de fazer. De inovar, de criar condições para as crianças, para os jovens, lutar pelos mais idosos, combater os analfabetismos... Tudo isso com algum espírito católico e revolucionário misturados. Um grupo de pessoas a que me refiro, participámos ativamente.

PJP: *Então e nas eleições?*

JJMB: Ah! Nas eleições autárquicas, de 76, elas sucederam às eleições à Presidência da República, em que um dos candidatos foi um dos homens de referência – talvez o maior, do 25 de Abril – Otelos Saraiva de Carvalho. E eu fiz parte do grupo de apoio a essa candidatura, os chamados G.D.U.P.s – Grupos Dinamizadores de Unidade Popular. Era um grupo de jovens, uma parte jovem, grupo que envolvia algumas pessoas já filiadas partidariamente, grupos mais ou menos residuais de uma esquerda revolucionária, nem sempre muito consequente.

E foi nesse contexto que eu, com 21 anos, fui desafiado por elementos desse grupo de apoio à candidatura do Otelos, que tinha sido em Abril – e as eleições foram nesse mesmo ano, mais tarde. Entendemos que devíamos apresentar uma candidatura para fazer frente aos partidos tradicionais que já se perfilavam na altura: o P.S., o P.C., o C.D.S., o P.P.D., e entendemos que devíamos concorrer, alicerçados nos resultados da eleição presidencial. E pronto, depois de muita discussão mais ou menos pública, das pessoas mais influentes desses grupos, foi decidido fazer uma lista e foi decidido que eu seria o cabeça de lista, que seria a pessoa em melhores condições. Eu costumo dizer é que felizmente não fui eleito. Porque, se tivesse sido eleito, com toda a certeza, a minha vida teria sido completamente diferente!... Felizmente!... Enfim, se tivesse sido eleito, teria sido eleito em resultado de uma dedicação e de uma vontade genuína, e teria, com certeza – julgo eu (a gente nunca sabe), o que poderia ter sido a nossa vida – desempenhado com consciência, com rigor e com o máximo de competência possível, tanto quanto me é permitido considerar que tenho... Enfim, não fui eleito, até porque a nossa candidatura foi assim um bocado... atabalhoada...

PJP: *Era o princípio...*

JJMB: Era o princípio, não tínhamos um Partido, tínhamos alguns grupos mais ou menos radicais um tanto desarticulados, que apoiavam, mas não tinham a consistência

de qualquer partido organizado que tinha naturalmente meios e tinha condições para levar por diante uma candidatura. Nós tínhamos o nosso esforço. Havia uns quantos professores, lá púnhamos as nossas quotizações, havia mais meia dúzia de pessoas de outras áreas laborais e a candidatura foi mais simbólica do que outra coisa, para a Câmara para algumas freguesias.

PJP: *E como é que lembra a adesão das pessoas às eleições, nesse dia?*

JJMB: Ah, foi brutal. Nessa altura, as pessoas faziam gosto em votar. E ainda bem, porque era um direito que lhes tinha estado vedado de fazer livremente.

PJP: *Onde é que foram as mesas de voto, lembra-se?*

JJMB: Isso agora é uma boa pergunta.... Foi além na “Rodoviária”, onde ainda é agora a central de autocarros. Era além que se faziam as eleições, nos primeiros tempos, exatamente! Eu fiz parte de uma Mesa de Voto. Não fui presidente da Mesa de Voto para a Presidência da República, porque foi no dia a seguir a ter-me casado e pedi dispensa para ir de “lua de mel” para a Ilha... da Armona. Havia, de facto, em todas as primeiras eleições, uma forte adesão. O voto, na altura, era a “arma do povo, e o povo que não votasse ficava desarmado”, como se dizia num *slogan* desse tempo. E as pessoas aderiram muito ao cumprimento desse dever e à materialização desse direito. Praticamente, quase ninguém tinha votado antes do 25 de Abril, naquelas eleições em que só havia um Partido, tirando, enfim, as pessoas afetas e “convidadas”. As mais informadas só terão votado em 1969 e em 73, quando o regime permitiu uma pequena abertura à oposição democrática, muito condicionada. Tempos muito complicados para quem pugnava pela democracia. Ainda assisti a algumas assembleias, em Lisboa, em 1972 (?)... nessas eleições, em que ser oposição era complicado e debaixo de suspeição, sendo as reuniões (julgo que nem se podia falar em “comícios”) supervisionadas pela polícia. Quando o orador falava em guerra colonial – assisti eu em Sintra – a polícia – sempre muito visivelmente presente – ia e desligava o microfone e as pessoas eram convidadas a sair, pois não eram permitidos atividades e discursos “subversivos” – designação ampla para tudo o que era, ou parecia ser contra as doutrinas vigentes. Era um arremedo de eleições livres, em que não havia realmente liberdade nenhuma. A partir de 74, foi a festa da democracia, do voto e da participação das pessoas e com uma civilidade e com uma maturidade que eu julgo que foram bastante grandes, elevadas e que honram muito os que se sacrificaram para que tivesse acontecido o 25 de Abril, a “revolução dos cravos” e da liberdade.

PJP: *Para que fosse possível. Para terminar: não foi eleito nessa altura, será mais tarde, podendo noutro contexto continuar nessa expectativa de transformação local. O poder local terá sido uma das maiores vitórias do 25 de Abril, concorda?*

JJMB: Talvez a maior...

PJP: *Foi em que período e como é que sente à distância o contributo que pôde dar nesse período?*

JJMB: De facto, o 25 de Abril foi a abertura e continua a ser o movimento e o ideário que mais orientam a minha vida. Às vezes, isso implica estar mais próximo do partido A, mais próximo do partido B, mas, com a idade, com a reflexão, com a maturidade, as pessoas têm que fazer algumas opções. Em 76, efetivamente não fui eleito. Era cabeça de lista, mas não fui, nem vereador. Mantive naturalmente uma atitude e participação pública e política, pontual e discreta, até porque nessa fase de casado, com filhos e com a necessidade de consagrar algum tempo maior à minha profissão – que já não era professor. Depois, em 79, tendo acabado o curso e tendo feito os estágios, instalei-me como notário e advogado. Fui parar ao Alentejo, estive lá cinco anos, depois, em 1984, vim para a Vila do Bispo, e vim para o cartório notarial de Lagos em 1996. De facto, o bichinho da política, da participação na atividade cidadã, o desejo de dar contributos para melhorar o nosso país e a nossa comunidade local, em especial, nunca deixaram de existir e fui sempre participando, com maior ou menor disponibilidade, dando o que podia, em associações culturais, desportivas, as associações de pais, na Misericórdia, onde fui provedor a partir de 1998.

Chegados a 2001, o P.S., que tinha sido afastado do poder autárquico, se não me engano em 1989, precisava de um candidato que fizesse frente ao quase eterno presidente do P.S.D., que vigorava na altura. O P.S. já tinha tido outras tentativas nas eleições anteriores que não resultaram. E, naquele ano, por alguma conjugação dos astros e das vontades, entenderam que deviam tentar optar por uma pessoa independente, que era – e é – a situação, em termos partidários, em que eu me colocava. E entenderam convidar-me. E, pese embora isso tenha correspondido a um desgaste enorme para mim e para a minha família, e em termos financeiros e económicos, eu acedi dentro desse espírito de que me parecia que era necessário um abanão, uma certa mudança. Com todo o respeito por todos os autarcas. Respeito que eu cada vez sinto que é maior, por todos aqueles, mesmo por aqueles que me precederam, mesmo os meus adversários, mesmo por aqueles que falaram mal de mim ou que me quiseram fazer mal, mas que foram autarcas, enfim.

Eu julgo, com todo o respeito por eles, que a cidade e o concelho estavam a precisar de algum sangue novo, de alguma iniciativa mais ativa. E, sob esse lema, congregámos um conjunto de vontades, constituímos as listas, numa interação entre um grupo alargado de independentes que eu convoquei e que fez o favor de me acompanhar, para o bem e para o mal – e muitos ficaram naturalmente prejudicados com isso. E, com a estrutura mais ou menos organizada do Partido Socialista, constituímos uma campanha, uma candidatura ao nível do concelho, incluindo Câmara, Assembleia e as Freguesias, que mereceu a confiança das pessoas.

O nosso apelo ao voto era no sentido de dar um passo em frente. O presidente anterior e a força política que ele liderava estariam de alguma forma estagnados no tempo. Era, pelo menos, a nossa visão e julgo que isso é verificável, historicamente. E foi assim. As pessoas acharam que nós tínhamos uma equipa com capacidade, com competência e o programa eleitoral era arrojado, mas necessário. E fizeram a escolha em nós, que muito nos honrou. E nos dois mandatos seguintes...

Devo dizer que no primeiro mandato que ganhámos, ganhámos contra o candidato da outra força, que teve mais votos do que tinha tido na eleição anterior. O candidato perdedor, do P.S.D., teve mais votos do que tinha tido na candidatura em que foi eleito. E nós conseguimos ter mais cento e tal votos do que ele. Depois, nos mandatos seguintes, em que as pessoas se aperceberam mais na prática, no dia-a-dia, ao que íamos, e o que estávamos a fazer, julgo – sem falsas modéstias – que as pessoas se aperceberam que a nossa equipa tinha valor, tinha competência e que era capaz de levar por diante o desenvolvimento deste município, deste nosso lindo cantinho, que é a nossa cidade e o nosso concelho, não é só a cidade, o concelho, temos umas freguesias que são magníficas, também, e foram-nos dando cada vez mais confiança e mais apoio. A ponto de termos passado de 40 para 60 e tal por cento dos eleitores a confiarem em nós. Tudo fizemos para honrar e merecer tal confiança. Muito trabalho foi desenvolvido pelos autarcas e pelas equipas municipais com grande empenho e dedicação. Promovemos as obras que faziam falta, os apoios ao desporto, à cultura, às instituições e associações e a solidariedade social e coesão territorial a que nos havíamos comprometido. Fizemos tudo? - Longe disso! Fizemos tudo bem? Certamente que não! Agradámos a todos? Impossível! Mas tenho para mim que o saldo foi positivo e saí, pelo meu pé, com um enorme sentimento de dever cumprido! Voltaria, apesar de tudo...

PJP: *Senhor Júlio Barroso, muito obrigada por este testemunho.*

Referência para citação: MUSEU DE LAGOS / PALMA, Patrícia de Jesus – *Entrevista a Júlio José Monteiro Barroso*. 2023-09-21. 14 p. Acessível, com a ref.ª PT/ML/AML/C/3/35/000009, em <https://abrir.link/iBgNz>.